

A Retórica da Conotação e os sentidos gradativos das imagens.

Ms. Cristiano Bispo – NEA/UERJ

Resumo - O presente artigo pretende apresentar alguns conceitos sobre a retórica da conotação sugeridos por Martiny Joly e Roland Barthes. A metodologia que aborda os sentidos gradativos das imagens será aplicada para decodificar determinados símbolos no filme “*Os deuses devem estar loucos*” e em um alabastro com a representação de um etíope macróbio do IV século a.C. A proposta é apontar as múltiplas possibilidades deste instrumento metodológico.

Palavras – chave: Retórica, conotação, Imagem e África.

“O termo imagem é tão utilizado, com tantos tipos de significação sem vínculo aparente, que parece bem difícil dar uma definição simples dele, que recubra todos os seus empregos (...) compreendemos que indica algo que, embora nem sempre remete ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, dependem da produção de um sujeito. Imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece” (JOLY, 1996, 13).

O presente artigo visa analisar alguns conceitos metodológicos de Martiny Joly e Roland Barthes que conduzem nosso olhar para uma discussão pertinente sobre a leitura e os sentidos das imagens.

Martiny Joly em sua obra *“Introdução à análise da imagem”* apresenta os caminhos para a decodificação da mensagem publicitária, apoiando-se nas mensagens plásticas, icônicas e lingüísticas. O método proposto tem como premissa que a interpretação dos motivos que compõem as imagens ocorrem pelo processo de conotação. Para Joly, os signos não representam apenas informações diretas (denotativas), mas também uma estrutura de sentidos complexa que possibilita outras leituras dos elementos representados, ou seja, a imagem é constituída de faculdades que provocam uma significação segunda a partir de uma significação primeira, de um signo pleno. Esta estrutura de avaliação é definida por Martine Joly e Roland Barthes como retórica da conotação.

Para Martine Joly, as mensagens publicitárias e/ou qualquer imagem são dotadas de um significado primeiro que é o nível denotativo; e por um significado segundo que é o plano conotativo. As mensagens que são transmitidas pelas imagens são dotadas de sentidos gradativos que caminham pelo significante (denotativo), face perceptível e concreta da mensagem e passa para o significado que formula a interpretação do signo.

Os termos significante e significado são complexos e promovem estudos sistemáticos de inúmeros pesquisadores das áreas de psicologia, lingüística, filosofia, antropologia, sociologia. São visões que contribuem para a rica discussão sobre as imagens e suas funções discursivas.

Para Barthes, o significante é um elemento essencial para a constituição de um signo. Os significantes formam esquemas de expressão que servem de mediador para o significado, isto é, o conteúdo formulado pelo significado é possível apenas em um sistema em que o significante esteja presente para lhe dar sentido. Portanto, o significante neste sistema necessita da matéria para compor o sentido do signo, manifestada em objetos, sons, imagens, escrita, entre outras. (BARTHES, 1971, 39-56).

O significado não quer dizer uma “coisa”, mas uma representação psíquica desta “coisa”. No processo de significação o significado é dotado das características do conteúdo que se manifesta diversas vezes na esfera ideológica. (BARTHES, 1971, 46-47). O entendimento da função significado pode ser verificado no exemplo dado por Marilena Chauí, ao promover uma analogia do queijo (significante), em três idiomas, causando significados múltiplos, vejamos:

Quando um inglês usa cheese, ele está se referindo ou a algo leitoso e cremoso, quase sem gosto, ou a algo mais duro e forte, que se pode comer sem outra coisa. O francês, por sua vez, ao dizer fromage estará pensando em queijos muito diferentes, dependendo da região onde mora, da hora e do dia em que vai comer o queijo, sempre acompanhado de pão e vinho. Para um inglês e para um francês, queijo jamais poderia ser imaginado junto com doce, enquanto para nós, brasileiros, queijo vai bem com goiabada e doce de leite. (CHAUÍ, 2002, 147).

Esta citação ilustra com muita propriedade a diferença entre significante e significado em sociedades diferentes. Segundo Barthes:

Cada sistema de significantes corresponde, no plano dos significados, um corpo de práticas e técnicas; esses corpos de significação implicam, por parte dos consumidores de sistemas, diferentes saberes, o que explica que a mesma lexia possa ser diferente decifrada segundo os indivíduos, sem deixar de pertencer a certa língua; vários léxicos – e, portando vários corpos de significados – podem coexistir num mesmo indivíduo, determinando, em cada um, leituras mais ou menos profundas (BARTHES, 1971, 49).

Martine Joly sugere o seguinte exemplo para o entendimento da retórica da conotação em um anúncio publicitário de extrato de tomate:

A fotografia (significante) que me permite reconhecer tomates, pimentões ou cebolas (significados) constitui um signo pleno (um significante ligado a um significado). Contudo, esse signo pleno prossegue sua dinâmica significativa tornando-se o significante de um significado segundo, ‘frutas e legumes mediterrâneos, Itália. (JOLY, 1996, 83).

Para representar este processo de significação, apresentamos o seguinte quadro:

	SIGNIFICANTE	SIGNIFICADO
SIGNIFICANTE	SIGNIFICADO	

Este esquema, sugerido por Barthes, pode ser empregado na análise de todos os signos, pois a conotação é constitutiva de qualquer imagem, perfeitamente aplicável em representações produzidas da Antigüidade aos dias atuais.

O gráfico está disposto de uma forma que rompe com a concepção rígida significante/significado, sugerindo que a leitura pode se estender a partir do momento em que os interpretantes (sujeitos) tenham capacidade e conhecimento dos códigos em questão. Como exemplo da necessidade de se conhecer os códigos que estão sendo empregados nas imagens, utilizamos o filme “*Os Deuses Devem Estar Loucos*”, dirigido por Jamie Uys e lançado em 1980. A película fala sobre uma garrafa de Coca-Cola que foi lançada de um avião sobre uma tribo africana que passou a considerá-la um presente dos deuses. Em pouco tempo, a garrafa gerou uma série de conflitos, fazendo com que um nativo fosse encarregado de devolvê-la.

Neste caso, a garrafa (*significante*) foi empregada em diversas atividades cotidianas daquela tribo para que adquirisse um *significado* (sentido, representação): um presente dos deuses. O objeto passou a desestabilizar a estrutura harmoniosa daquela sociedade. Neste episódio, os habitantes desta tribo atribuíram a este artefato um outro *significante* a partir dos *significados* anteriores, associando não mais como um presente e sim como um castigo divino. Após construírem um novo *significante* da garrafa, os habitantes desta tribo estabeleceram um outro *significado* para o episódio, isto é, resolveram devolver o presente aos deuses, escolhendo um guerreiro da tribo para realizar esta perigosa e honrosa tarefa.

Esta narrativa ilustra, perfeitamente, a necessidade do conhecimento dos códigos e dos contextos em que os signos se encontram, pois, para haver uma leitura metódica eficiente os códigos precisam ser conhecidos e de domínio social. Contudo, sabemos que as leituras dependem dos grupos sociais em que os destinatários estão inseridos; da região em que o sujeito habita; das formas em que utiliza o idioma; da trajetória acadêmica e do currículo vivido pelo indivíduo; da qualidade e intenção do remetente ao produzir o signo,¹ pois a mensagem muitas vezes atende aos interesses de pequenos

¹ - Entendemos “*signo como a associação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito). Ele diz que é fundamental observar que a imagem acústica não se confunde com o som, pois ela é, como o conceito, psíquica e não física. Ela é a imagem que fazemos do som em nosso cérebro*”. (ORLANDI, 1986, 23).

grupos. Enfim, a retórica conotativa é dependente do contexto social em que ela foi produzida.

Os sentidos e as representações podem ser variados conforme as particularidades de cada grupo social que não inviabiliza a retórica da conotação. Vejamos no quadro os significantes e significados que a garrafa adquiriu no contexto deste grupo africano, conforme o olhar estereotipado do ocidente:

Significantes icônicos	Significados de Primeiro nível	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Objeto não identificado caído do céu	Presente dos Deuses: visão de que tudo vindo do céu é obra divina.	Castigo de Deus: harmonia transformou-se em caos (individualismo, ganância, discórdia, disputa).	Devolução a Deus por um guerreiro da tribo. Indivíduo especial para este tipo de tarefa.

A garrafa no contexto ocidental é vista por outra ótica, conforme observamos no seguinte esquema:

Significantes icônicos	Significados de Primeiro nível	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Bebida	Coca-cola	Frescor, alívio, prazer, satisfação.	Calor escaldante da África local ímpar para o consumo de tal bebida, pois é melhor apreciada em lugares quentes e bem gelada. Situação observada no filme

Ainda no mesmo filme, observamos outras características que sugerem outras análises discursivas:

Significantes icônicos	Significados de Primeiro nível	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Coca-Cola	Empresa	Progresso x estagnação; civilização x primitivo; África = barbárie	O filme apresenta uma África primitiva em pleno século XX. Muitos de seus habitantes estavam completamente alienados com o que ocorria fora de sua tribo.
Coca-Cola	Empresa	Capitalismo	O autor realiza uma crítica ao associar a garrafa como obra dos deuses para os africanos. Ao mesmo tempo, faz uma analogia da Coca-Cola como um Deus do sistema capitalista.

Neste sistema de significação o primeiro sistema de expressão (significantes icônicos e significados de primeiro nível) torna-se o plano de significante do segundo sistema, ou seja, o primeiro sistema constitui o plano de denotação do segundo sistema, o plano de conotação. Os significantes de conotação (segundo nível de significação) recebem o nome de conotadores que são signos (significantes/significados) do sistema denotado (primeiro nível de significação). Portanto, na semiótica conotativa², os significantes do segundo sistema são constituídos pelos signos do primeiro.

Para Umberto Eco, “*é conotativa uma semiótica em que o plano da expressão se constitui de uma outra semiótica. Em outras palavras, tem-se código conotativo quando o plano da expressão é um outro código*”. (ECO, 1976, 46). Segundo o pesquisador, a retórica da conotação é constituído por um Plano de Expressão correlacionado a um Plano de Conteúdo. Neste esquema, os planos de Expressão/Conteúdo de primeiro nível remetem a expressões e conteúdos de segundo nível.

O sistema sugerido por Umberto Eco utiliza conceitos e caminhos distintos para se alcançar os sentidos conotados. Contudo, os resultados finais são praticamente idênticos aos apontados por Barthes e Joly.

A retórica da imagem indica sempre uma possibilidade de um sentido segundo, conotado. Para Barthes “*uma imagem pretende sempre dizer algo diferente do que representa no primeiro grau, isto é, no nível da denotação*” (JOLY, 1996, 83). A leitura de Barthes permitiu maior aprofundamento nas análises narrativas e discursivas, implicando em uma maior dinamicidade na decodificação dos signos e, ao mesmo tempo, demonstrou as intenções e poderes de coerção exercidos pelos remetentes ao emitirem uma mensagem. Barthes, portanto, rompeu com o modelo tradicional, expresso no seguinte quadro:

	Significado
Significante	

Ao verificar alguns conceitos sobre a retórica da imagem e/ou retórica da conotação e suas aplicações, perguntamo-nos: (a) O estudo da retórica da imagem serve como instrumento para a análise de cerâmicas e estruturas gregas? (b) Será possível

² - Segundo Eni Orlandi, “*O dinamarquês L. Hjemsley estabelece a oposição entre denotação (sentido primeiro) e conotação (sentido segundo), produzindo uma separação estanque entre o plano lógico da comunicação e o plano afetivo de efeito poético. Razão e emoção estão separadas categoricamente nessa reflexão lingüística*” (ORLANDI, 1996, 36).

utilizar o cabedal teórico de análises contemporâneas em imagens de sociedades antigas sem incorrer em armadilhas do anacronismo? A resposta para tais questionamentos é positiva.

Independente de ser um instrumento que de início pretenda verificar campanhas publicitárias, veículo de informação marcante da contemporaneidade, a retórica da conotação é viável para a documentação da antiguidade e extensiva para imagens de qualquer período histórico.

Como exemplo da possibilidade da aplicação da retórica da imagem em documentos iconográficos da antiguidade, apresentamos o seguinte alabastro³:



³ Etíope portando machado, escudo, manto próximo a uma palmeira Data: 490-480 a.C. Coleção: Tubingen, Eberhard-Karls-Univ.

Significantes icônicos.	Significados de primeiro nível.	Conotações de segundo nível (1)	Conotações de segundo nível (2)
Utensílio Cerâmico	Alabastro	Recipiente para armazenamento de óleo e unguentos perfumados	Utilizado pelos atletas nos exercícios físicos. Fonte da longevidade (Heródoto, III, 23)
Homem	Africano	Etíope macróbio/guerreiro.	São conhecidos pela destreza em combate, beleza e longevidade.
Escudo “meia lua”	Proteção	Confronto	Individualismo e heroísmo.
Machado	Arma	Guerra/confronto	Força, virilidade, natureza, vida selvagem / contato direto, face a face.
Vestimentas	Calça, túnica, cinto, couraça.	Proteção.	Demarcação étnica e representação do guerreiro (Heródoto – VII 64-69) / combate de contato.
Árvore	Palmeira	Natureza/calor/ Resistência	Porte, força, altura, alimentos, longevidade (Heródoto I – 193), Apolo e Ártemis nasceram junto a uma palmeira.
Olho	Visão	Proteção	Manter o mal afastado / símbolo de onisciência/ visão espiritual / proteção contra os inimigos.
Manto	Proteção		Divindade

O homem (significante) representado no alabastro indica um africano (significado). Até o presente momento, temos um processo de significação de primeiro nível, isto é, o signo está completo, pois encontramos um *significado* associado a seu *significante*. Contudo, a leitura desta imagem não se completa nesta esfera, pois existe a possibilidade de uma leitura segunda. Desta forma, o *significante* (homem) e o *significado* (africano), na proposta de retórica conotativa, servirão para organizar a significação de segundo nível, dando origem a um *significante de segundo nível 1* (etíope) e, por conseguinte um *significado de segundo nível 2* correspondente (combate, beleza, virilidade, estatura, individualidade, guerreiro).

Ainda na mesma imagem, empregamos outro exemplo para ilustrar os efeitos conotativos do alabastro. Desta vez, observemos o *significante* (machado) que estabelece um *significado* (arma), ambos de primeiro nível. A partir deste estágio temos a fixação de um *significante de segundo nível 1* (guerra, confronto) que remete a um *significado segundo 2* (A destreza e habilidade dos etíopes no manuseio de uma arma de guerra. Característica do confronto face a face, em que o heroísmo e a bravura expressam a condição especial destes bravos guerreiros africanos).

A retórica da conotação é um instrumento adequado e com resultados pertinentes para análise das imagens produzidas em qualquer contexto histórico e social. Os

conceitos metodológicos permitem decodificar os sentidos das imagens, possibilitando a apreensão dos elementos que constituem a mensagem e seus respectivos emissores e receptores.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

HERÓDOTO, *História*. Trad. de Mário da gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1998.

HIPÓCRATES. *Aforismos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

HOMÉRE. *A Odisséia*, Paris: société d'édition, 1965.

BIBLIOGRAFIA

ADLER E RODMAN. *Comunicação Humana*. São Paulo: LTC, 2003.

ARAÚJO, Inesita. *A reconversão do olhar*: Rio Grande do Sul: Unisinos, 2000.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ática, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: USP, 1970.

_____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix. 1971.

_____. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Teoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOURGEOIS, Alan. *La Grece Antique Devant La Negritude*. 5º ed. , Paris: Presence Africaine, 1971.

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.
- ECO, Umberto, *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FRANK M. Snowden, Jr. *Before color prejudice*. London: Harvard University Press Cambridge, 1983.
- FRANK M. Snowden, Jr. *Blacks in antiquity*. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts, 1970.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.
- JONES, Peter V (organizador). *O mundo de Atenas*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MOKHTAR, G. *História geral da África: A África antiga*. São Paulo: Ática, Vol. II 1983.
- OLIVEIRA, R. CARDOSO. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. *O que é lingüística*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso: Introdução à análise dos discursos*. São Paulo: Hacker editores, 2002.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- _____. *A Teoria Geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2004.
- SHINNIE, P. L., *Meróe – uma civilização do Sudão*. Lisboa: Editorial Verbo, 1967.
- SILVA, Alberto da Costa, A *Enxada e a lança*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- THEML, Neyde. *O Público e o privado na Grécia do VIII ao IV século a C*. Rio de Janeiro: Sette letras, 1998.